
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

REINCIDENTES CONFLITOS ENTRE SEXUALIDADE E RELIGIÃO: CAMINHOS PARA DESMONTAR PRECONCEITOS E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA*

Regina Bezerra de Gouveia, UNICAP**

Resumo

Na biografia da humanidade é interfacial o diálogo entre sexualidade e religião, tanto na dinâmica, como na diversidade, essas categorias analíticas, culturais e sociais, apresentam intercessões divergentes e plurais, em sua grande maioria conflituosa, em relação de hostilidade, repressão, poder e medo. Buscamos investigar as respostas emergentes no campo religioso cristão, no Brasil, neste momento em que se erguem ondas reacionárias e outras de afirmação de identidades, das diferenças e dos direitos LGBTT. Nosso objeto é averiguar as possibilidades que essas novas guerras sexuais (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013) atreladas aos processos religiosos conservadores, podem contribuir para refletir sobre as controvérsias, repensar princípios éticos religiosos na perspectiva dos direitos humanos, direcionado o debate entre religião e sexualidade no âmbito do respeito ao jogo democrático. Utilizamos a revisão bibliográfica, em busca de narrativas vinculadas à temática da sexualidade e religião, na perspectiva das Ciências da Religião.

Palavras-chave: Religião. Identidades LGBTT. Intolerância religiosa.

Introdução

Diante da crescente incidência de pesquisas, trabalhos produzidos e cursos ofertados na área epistemológica das Ciências da Religião, confirmam que este é um campo acadêmico em crescente expansão, agregando, na atualidade, tangenciais componentes dos estudos sociais e humanos, num efetivo diálogo interdisciplinar. As Ciências da Religião campeiam pelas áreas que investigam os processos sociais, na perspectiva fenomenológica, requisitando um olhar e um estudo hermenêutico e exegético dos saberes humanos, concentrados nos agenciamentos do

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 13 – Gênero, religião e espiritualidade.

** Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: reginagouveia@outlook.com

sagrado e seus domínios. Vejamos os fundamentos desse campo epistemológico de acordo com Aragão:

> Há um grande interesse pela religião e pelo seu estudo mais sistemático e a constituição e ampliação desse campo científico estão exigindo que se defina melhor a sua configuração. A disciplina problematiza o estatuto epistemológico das ciências da religião, de modo a permitir que o religioso possa ser tomado não apenas como tema, mas também através de uma metodologia própria e apropriada. Trata-se de um aprofundamento do significado da área de estudo e pesquisa sobre a religião, buscando uma fundamentação transdisciplinar, crítica e interpretativa, para o tratamento científico do fenômeno religioso. (Aragão, 2012, p. 7)

Este campo epistemológico surgiu atendendo demandas complexas, para investigar e refletir sobre inúmeros questionamentos em torno das histórias e dos mundos das religiões, considerando e acolhendo as controvérsias inegáveis para apreensão dos fenômenos sociais e culturais das religiões. Recebeu influência de diversos movimentos intelectuais e científicos, e seguiu um longo percurso, até ser referendado por Max Müller (1823- 1900), com esse título, como assevera Aragão (2012).

Ao explorar esse campo acadêmico, nos deparamos com a concepção de mundo e sociedade do sociólogo americano, Peter Berger presentes no livro O Dossel Sagrado (1985). Para ele, a sociedade é resultado da ação humana, implicada num triplo fenômeno de contínua relação dialética. Esse processo se define pela exteriorização, no qual homens e mulheres expressam seus fluxos, sentidos, nexos, gerando os produtos humanos, os mundos humanos.

O conjunto dessa produção atinge a independência e se torna uma realidade objetiva, *sui generis,* processo este que foi denominado de objetivação. Nesse momento as coisas assumem uma autonomia em relação aos produtores/as. Para em seguida, através do fenômeno chamado de interiorização essa realidade retroagir sobre os seres humanos, constituindo, desse modo, os mundos humanos, as sociedades, as culturas e seus nomos.

Vale ressaltar, que é muito coerente à afirmação de Berger que a construção dos mundos humanos é uma tarefa que nunca pode ser concluída, pois, não é um processo fechado, acabado e seguro, concluso. Como produto humano, possuem relação com a constituição humana, que é cambiante, maleável. Concluímos a partir desse pressuposto que homens e mulheres compartilham entre si e com o mundo de uma intrínseca instabilidade e complexidade.

Mediante essa desestabilidade, faz parte do empreendimento humano uma inacabável busca pelo próprio equilíbrio, bem como, dos mundos, dos simbolismos, das regras e normas que são coproduzidos. Na medida que são produzidos os cosmos humanos, também se produz a necessidade de ordená-los, regulá-los. Dentre os mecanismos sociais de ordenamento da realidade está à religião. Ela surge para dar sentido à realidade e torná-la plausível, pelo processo definido de facticidade.

Nessa perspectiva, a religião ordena a natureza, o nascer e morrer, o trabalho e toda sua produção, a humanidade, os animais e toda produção humana material e imaterial numa categoria maior, na ordem do sagrado. Todo esse poder que a religião abriga, também provoca inquietação, por ser de uma ordem distinta do humano, porém, se colocar longe dele apavora muito mais. Daí surge às resistências e pavores em questionar, negar ou repensar a religião, quando a ela se integra/entrega o ser.

A partir dessa cosmovisão sociológica, pela religião homens e mulheres encontraria amparo contra a anomia, sinônimo de caos, pois as religiões conferiram, nesta abordagem, sentidos, precisão, estabeleceriam o ordenamento da sociedade. Para sanar a precariedade dos mundos e do indivíduo, a religião responderia às questões na esfera do simbólico, do mito, para além do campo metafísico.

O fenômeno religioso que promove o referencial do sagrado, que ultrapassa o humano, pode ocasionar o que Berger afirma ser o risco da alienação. Pois oculta ao homem que os cosmos são construções humanas. Porém, ele também assegura que a religião tanto pode ser um viés para

alienação como pode ser um aporte para desalienação humana. Esse é o grande desafio do campus religioso.

Ao enraizar e integrar homens e mulheres ao conceito de sociedade e comunidade, a religião pode agenciar a socialização entre as diferenças, o diálogo com o oposto, para dar impulso a ordem baseada na alteridade que promove a pacificação, a solidariedade e da harmonia entre grupos religiosos diversos e os sem-religião, tornando possível a coexistência com a diversidade que é a expressão das diferenças humanas.

Ao refletir o panorama das políticas públicas no Brasil, irremediavelmente nos deparamos com algumas concepções políticas a respeito das diferenças humanas, sustentadas por discursos e narrativas que pretendem apagar as exteriorizações das heterogeneidades e o atendimento para suas demandas específicas, segundo Natividade e Oliveira (2013).

O posicionamento de políticos com "mandatos de cunho religiosos", ocorridos em Recife (PE), tanto no legislativo, quanto na Câmara Municipal são úteis para fundar e manter a desigualdade social, hierarquizar e excluir negros/as, grupos LGBTT, práticas culturais, sexuais e sociais. Destacamos a caça aos livros que abordam questões da Sexualidade e Diversidade Sexual e os ataques a Política de Ensino da Rede Municipal de Recife, essa posição política engendrada com a religião ostenta a interferência pelo proibicionismo.

Essa interferência político-religiosa vem atuando desde 2010 quando a Educação em Sexualidade ficou em evidência, até hoje, atacando principalmente a Política de Ensino do Recife, cujo documento trata a Educação em Sexualidade como política educacional e direito de aprendizagem.

Quando olhamos o atual painel brasileiro, no tocante à ação religiosa, nas esferas públicas e privadas, principalmente de vertentes pentecostais e neopentecostais, nas questões relativas aos direitos da

população LGBTT, percebemos o quanto os conflitos se avolumaram, e são reincidentes.

A onda reacionária e ultraconservadora que vem ganhando força e adeptos promove guerras culturais, políticas e sexuais, de graves consequências, como explicita Duarte: "A guerra tem numerosas frentes, onde se armam os combatentes, (2013, p. 09)com inevitável carga de exasperação e sofrimento implicada em tais confrontos". Convém ressaltar, que se percebe maior avivamento dessas posturas extremistas, fundamentalistas e moralistas em segmentos mais populares do conjunto social brasileiro.

De natureza complexa, essas guerras são fomentadas porque o diálogo entre religião e a sexualidade, com as instituições cristãs e a sociedade, foi (de)marcado por cerceamentos, proibições e opressões que são questionadas, subvertidas e refletidas com total força, neste momento. Assim, também se processa com o mundo acadêmico-científico em relação ao religioso. Para Leonardi, em relação à religião e feminismo:

> [...] a desconstrução das barreiras dos estudos de gêneros e religião deveria se dar em dois sentidos: entre aqueles/as que pesquisam religião e aqueles/as que pesquisam gênero, mas também entre aqueles/as que olham de dentro e aqueles/as que olham de fora. Se, de fato, desejamos pensar "gênero, religião e feminismo" de forma integrada e relacional, praticantes, militantes e pesquisadoras/es precisam criar um trânsito e um diálogo entre si (ROSADO, 2015, p. 285).

Na pós-modernidade o fenômeno religioso encontra um acirramento das demandas sexuais. Para compreender os contornos dessa indexação é conveniente adentrar nessa relação espinhosa, daí enveredamos por uma breve narrativa em torno dessa conexão – religião e sexualidade, que revela um reincidente conflito entre fé e prazer sexual.

Religião e sexualidade, as difíceis conexões entre proibições e permissões

A conexão entre sexualidade e religião é histórica, factual e inegável. Essa interface ocorre, pois tanto a religião, quanto a sexualidade são fenômenos humanos, relacionais, dialógicos, de intensa e marcada produção de cosmovisões, pulsões e direcionamentos na/para vida em sociedade, fazendo, evidentemente, relação com outros marcadores sociais, como etnia e cultura. As pesquisas no campo da Antropologia revelam que desde os primórdios da história humana a busca pelo sagrado está presente, com evidentes elementos do sexo e das relações desiguais entre os gêneros.

A busca ou interação com elementos do transcendente, espiritual e místico faz parte dos rituais humanos, desde a pré-história. Em muitos desses rituais também se mesclavam ingredientes da sexualidade. Muitos registros históricos revelam, que algumas cerimônias, havia uma imbricada relação da sexualidade com as expressões da religiosidade. O exemplo disso é a utilização do pênis como amuleto, e o culto ao falo presente em alguns grupos desde a pré-história.

A importância atribuída à sexualidade pelo campo religioso é mascarada, encoberta pelo discurso do pecado, revestida de pudores. Evidenciando o medo, o terror para governar corpos e limitar, (de)terminar o desejo. Mas a potencialidade da sexualidade é revelada pelo presente interesse que tem as religiões sobre a seus domínios que certamente vão para além da procriação, riscos e prazeres.

De modo geral, a gênese da sexualidade nas religiões, com ênfase maior nas ocidentais, confirma uma sexofobia, a visão que predomina, compreende tudo relativo à alma como elevado, tudo que tem relação ao corpo negativo. Nesta visão o desejo, o prazer é construto do corpo. Portanto lastimável e pecaminoso.

Vejamos o que advoga Endjso:

> A maioria, talvez todas, as religiões se valem do sexo com propósitos religiosos simplesmente aplicando regras sexuais. Cada proibição ou obrigação sexual implica muito claramente o uso do sexo para propósitos religiosos. Ao regulá-lo, as religiões obtêm respeito, desprezo ou aniquilação nesta vida, e salvação ou perdição no além. [...] No cerne de todas as visões religiões de mundo subsiste o mesmo credo fundamental de que sexo pode ser muito mais que prazer, procriação e doenças contagiosas (ENDJSO, 2014, p. 261).

Consideramos diante disso que o presente trânsito, fluido e sutil entre o sagrado e o erótico, seja o indício de intensos jogos de poder entre religião e sexualidades. Os roteiros e normas religiosas que delimitam as práticas sexuais revelam que o sexo para a religião é mais que simples ato de procriação. Isso revela ser importante território dos destinos humanos. Quais as razões para tanto controle? Disputa de poder pelo controle do prazer? Doutrinar gozos? Aprisionar desejos e sentidos para governar? Pelo que indica os construtos da sexualidade, não há total conformação em seu campus, o desejo e o gênero mesmo quando negado, aprisionado, não consumado ou revelado, materializam suas existências mesmo que sejam em forma de fobias, medos, patologias.

Dentro e fora dos espaços acadêmicos, precisamos apreender as tramas, teias, encadeamentos da sexualidade, vinculadas à religião, à cultura, para perceber as distorções que imperam nos discursos hegemônicos, que estruturam no pensamento comum as nocivas normas para os corpos e principalmente aos gêneros (LOURO 2014). Os estudos estruturalistas, a teoria Queer, as pesquisas de mulheres lésbicas, negras, produções do próprio ativismo LGBTT, são aportes para ampliar e reinventar os paradigmas em torno das sexualidades. Desses estudos e seus correlatos nichos ancoramos as nossas análises sobre o sexo-gênero-desejo. Com o cuidado de percebê-los provisórios, em construção.

Sexualidades, os desejos não leem as normas

A sexualidade pode ser conceituada como fenômeno fertilizante de intersubjetividades, gerando uma rede de linguagens, símbolos, inter-relações, tangenciais ao prazer; de caráter discursivo, a sexualidade é, senhora de buscas, abriga sombras, ritmos particulares, direções e pulsações não lineares, estranhos [pois, são alheios aos nossos parâmetros].

O corpo não se conforma com padrões homogeneizantes, nem com a materialidade que esses padrões impõem à sexualidade como assevera Butler (2001). Direcionada pelo/no desejo, a sexualidade não segue uma bula biológica (GUINET, 2013). A corporeidade mais ou menos fixada no genótipo é afetada e alterada pela avançada ciência genética, penduleia e transmuta no fenótipo, revelando saliências de elementos genuinamente exteriores, geográficos, sociais e econômicos, delineando a diversidade humana, no império das singularidades.

Quando focamos atenção em aspectos subjetivos, psicológicos, que constituem a vida humana compreendemos que o corpo agrega, expressa, afeta, sofre pressões, exterioriza pulsões, mas não enterra e nem âncora o desejo, a identidade de gênero, ele [o corpo] expressa o simbólico do ser.

A identidade de gênero, a orientação do desejo, escapa da linearidade que atrelaram ao sexo biológico. Assim, como os desejos não leem as normas, as expressões da sexualidade relacionadas ao gênero, ao sexo, ao erótico e os comportamentos sexuais não possuem roteiros fixos, inalteráveis e definitivos a partir dos registros fisiológicos, ou roteiros estabelecidos e formatados.

Daí, compreendemos toda diversidade humana, como resultado das nossas pessoais e intransferíveis elaborações. A diversidade sexual é resultado das diversas experiências, autorizadas ou marginalizadas, declaradas ou sonegadas, vivenciadas na singularidade, que se revela por diferentes e inalienáveis formas de gozos.

A partir dessa perspectiva, percebemos a sexualidade como aspecto que não se constitui de forma automática, a partir da genitalização, seu papel para além da reprodução da espécie confere delírio, êxtase, envolvimento, paixão, afetos e enlaces eróticos que podem se anunciar na heterossexualidade, na bissexualidade ou na homossexualidade (SIMÕES, 2009).

Os discursos hegemônicos produziram a heteronormatividade, o desejo incontestável, que se apropriou do espaço público. Fez do desejo erótico pelo sexo oposto algo compulsório, compartilhado por todos/as. Essa norma defendida pelas religiões oficiais se transforma em moeda para o proselitismo religioso, gerando exclusão, ódio, violência, potencializando o fenômeno da homofobia.

Segundo Duarte (2013), pelo desejo à diferença, os agenciamento religiosos de vertentes pentecostais e neopentecostais têm conquistado adeptos levantando a bandeira do conservadorismo, se postando contrário a tudo que represente a modernidade ou liberdade que é marca fundamental dos movimentos que defendem o direito a liberdade de desejar e ser na diversidade sexual.

Fé cega: enfermidade ou obsessão pelo poder?

No cenário brasileiro, acompanhamos as interposições da chamada bancada religiosa nas questões que envolvem direitos humanos, que visam atender às demandas de gênero, orientação sexual, aborto, etnia, sempre promovendo a negação de direitos ou em busca da imposição dos seus preceitos moral-religiosos.

A cada nova eleição percebemos o aumento dessas figuras no espaço político, revelando e efetivando o amplo projeto do Reavivamento Cristão, com a programação fundada no que há de mais retrógrado, misógino, machista, racista e déspota. Essa política possui claros e caros objetivos:

tomar efetivamente o poder, e implantar o seu projeto religioso para a educação, família e sociedade.

Historicamente, a atuação desses/as representantes religiosos/as, na política, vem sendo como assevera Gouveia "[...] majoritariamente, marcada pelos discursos de ódio, intolerância, exclusão, preconceitos." (2016, p.06). Não são apenas discursos, são narrativas propositivas que impedem avanços, bloqueiam aprovações de leis importantes para as chamadas minorias, aguerriam a violência contra LGBTT, geram dores profundas nas relações familiares, ou seja, fomentam os reincidentes conflitos entre as vias religiosas e a sociedade. É a expressão da homofobia, que não aceita interrogações.

O simples fato de indagar, pesquisar já é considerado iniquidade, pecado. A fé, nessa configuração, nega o respeitar ao jogo democrático, à criticidade, a despeito de tantas dores e prejuízos que acarretam pode ser considerada benfazeja? Ou sugere processos contaminados pelo *medo* da anomia, escorada em uma heteronomia basilar? A imposição de uma fé cega é interessante aqueles/as que ambicionam o poder para governar mentes, vidas e propriedades. No entanto, como podemos compreender a conduta dos/as submetidos/as, nesse processo? O que buscam? O que encontram nesses arranjos religiosos, na relação dominante-dominados/as? Esse panorama acende muitas indagações e demanda pesquisas sobre essa complexa realidade.

A expansão dessa religiosidade no Brasil vem acompanhada de volumosos investimentos econômicos, com o discurso treinado, formatado pelo ultraconservadorismo e usa de diversos recursos midiáticos que veiculam rapidamente suas pregações, com isso vem alcançando grande número de pessoas. Esses recursos financeiros, com quantias vultosas, provocam questionamentos em torno da origem do dinheiro, dos meios para aquisição, além de evidenciar um propósito, não, exclusivamente espiritual. Mas agregando um obstinado desejo pelo poder, um poder carnal (FLEURI, 2013).

Pelos agenciamentos religiosos, conseguem efetivos apoios às candidaturas que têm como marketing defender e implantar a vontade de Deus no campo político, devastando qualquer direito considerado contrário à vontade divina, com bases no fundamentalismo. Em nome desse fundamento, todo produto humano é contestado, ignorado, a ciência, as demandas sociais, os avanços no campo da medicina, psicologia, sociologia, jurídico. A exposição de Citeli, faz um alerta:

> Por esse motivo, a abertura de políticas favoráveis à liberdade e à diversidade continua dependendo d capacidade política dos grupos ativistas para desmontar a construção religiosa e naturalista que trata o patriarcalismo e a heteronormatividade como únicas opções aceitáveis para base familiar (ROSADO, 2015, p. 248).

Daí resulta a importância da militância feminista, negra, LGBTT, expandir sua atuação para além do debate na esfera civil, das produções acadêmicas. É necessário alcançar as estruturas do Estado, em todas as instâncias (municipais, estaduais e federais) (ROSADO, 2015), ou seja, precisamos de representatividade nas funções administrativa, legislativa e jurisdicional. Identificamos maior avanço no judiciário, porém não com a pertinácia e presteza que a questão requer.

Enquanto isso ativistas, militantes, divergentes da heteronormatividade, grupos religiosos, teólogas feministas (BUENDÍA, 2015), buscam desconstruir, subverter a misoginia, o machismo, a demonização da diversidade sexual, lutam por direitos baseados na Constituição Federal (1988), ensaiam o diálogo que não excluem as diferenças, e afirmam o direito a diferença e ao respeito.

Não podemos categorizar que toda religiosidade é excludente, puramente extremista e opressora, talvez, isso se opere em grande volume, mas outras vidas religiosas, experiências diversas, mostram que a religiosidade pode levar ao desapego das certezas e ao mergulho na alteridade, incluído os possíveis encontros e diálogos com o estranho, diverso, estrangeiro.

A partir dessa perspectiva, destacamos o surgimento das igrejas inclusivas (SOUZA, 2011), que vêm realizando um importante papel, acolhendo, reconhecendo a sexualidade plural em suas hostes, assumindo o desejo, o afeto e as expressões desses enlaces, como expressões humanas plausíveis, sem enquadrá-las em uma natureza satânica, doentia. Nessas igrejas não há a chamada inclusão perversa (NATIVIDADE, 2009).

Vejamos as colocações de Natividade, sobre a igreja inclusiva:

> Neste sentido, o que define uma postura de "inclusão" é a suspensão do interdito que marca o exercício da homossexualidade como pecado, e o que caracteriza uma igreja como "inclusiva" é permitir abertamente o exercício de cargos, atividades de liderança espiritual e cuidado pastoral por pessoas LGBT.

Não podemos considerar inclusivas aquelas que incluem para excluir, tanto na dinâmica, nos silêncios e na hierarquização inaceitável das sexualidades.

Considerações temporais

Nossas considerações temporais, portanto, dialógicas, são que a característica marcante do pensamento religioso, em amplo perímetro histórico, tem revelado reincidentes conflituosos com os enlaces carnais, sexuais, eróticos, em suas diversas expressões do desejo. A religião tem promovido complexas guerras e disputa entre o prazer, o corpo, as identidades e a cidadania não heteronormativas. A resposta e as possíveis soluções deverão vir por vias plurais, do campo ativista e social LGBTT, político, educacional, bem como, da via religiosa. Nesse sentido, o poder judiciário vem avançando muito, esperamos que a esfera educacional não seja a última instância a garantir os direitos LGBTT.

As considerações de Natividade e Oliveira (2013) sobre o desejo a diferença, presentes tanto nos movimentos religiosos, quantos nos libertários são legítimas. Se ambos querem marcar e defender a diferença,

qual a razão para os conflitos? Os autores evidenciam que o problema vem do desejo de alguns grupos religiosos em apagar, anular e negar a diferença da via libertária, isso leva à marginalização. Fomenta discursos de ódio. Enquanto a via libertária quer ampliar direitos, sem negar a diferença a nenhum grupo. Discriminar é praticar homofobia, não pode ser considerado direito de expressão, não há direito humano para promover a exclusão, a violência, tirar a vida de pessoas em função da orientação sexual e das identidades de gênero.

A percepção que os produtos religiosos são exteriorizações humanas, em permanente construção, de lenta, mas efetiva mudança e revisão indicam que outras direções, leituras e narrativas serão produzidas pelas religiões em relação à sexualidade, serão engendradas outras teologias para terapeutizar a relação entre fé e a sexualidade. Religiosos/as de diferentes agenciamentos teológicos vem lembrando a característica da religião de pensar e fundar a dignidade humana inspirando a produção de direitos, como revela a história dos direitos humanos.

Segundo Prado (2014) para além dos equívocos, das guerras religiosas, a religião também apresenta envolvimentos e encontros sociais, espirituais, sadios, humanizados, direcionam para experiências do sagrado que resgatam a crença no humano; no humano mais adiante, mais a frente. A religião quando despida de fundamentalismo [medo], promove sentidos e sentimentos de outra ordem, da ordem do simbólico amoroso, afetivo, erótico. Nessa direção podemos continuar a crer.

Concluímos advogando que é possível uma experiência religiosa que possibilita a transposição da fé cega, e, subsidie a visita a outros mundos, outras religiões, outras formas de olhar a vida, sem provocar temor, insegurança. Quem passa pela experiência religiosa com alteridade potencializar a própria fé e olvidar a solidez da crença única, pois, reconhece a grandeza da vida humana e das crenças alheias.

Quando nos abrimos ao estranhamento, presente na intimidade de cada ser, iremos apagar as misérias sociais, como a do racismo, o

machismo, a LGBTFOBIA. Aceitaremos diariamente o desafio de reconhecer que é legitimo outras lentes, outros olhares perante a vida e desvendar a riqueza da diversidade e da presença humana plural.

Enfim, a vida em sociedade não se congela nas nossas certezas, toda cultura é provisória, a religiosa também, irrevogável e irrelativizável é a necessidade da alteridade e o direito de ser quem se reconhece ser na diversidade LGBTT.

Referências

ARAGÃO, Gilbraz. **Ciências da religião**: interfaces metodológicas e perspectivas. Recife, 2016. Disponível em: http://ead.unicap.br/~teleduc/cursos/aplic/material/ver.php?&cod_curso=273&cod_item=4&cod_topico_raiz=1 Acesso em: 22 ago. 2016.

ARAGÃO, Gilbraz. Ciências da Religião na UNICAP. **Numen**. Juiz de Fora, ano 15, n. 2, p. 271-294, jul.-dez. 2012. Disponível em: https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/download/1802/1447 Acesso em: 21 ago. 2016.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

BUENDÍA. Josefa. In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião**: sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

CITELI. Maria Tereza. Desafios para uma campo de ação: gênero, feminismo e religião. In: ROSADO, Maria José (Org.). **Gênero, feminismo e religião**: Sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

DUARTE. Luiz Fernando Dias, Desejo à diferença – À guisa de prefácio in: NATIVIDADE, Marcelo. **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil / Marcelo Natividade, Leandro de Oliveira. - 1. ed. 2013.

ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião**: do baile de virgem ao sexo sagrado homossexual São Paulo: Geração Editoria, 2014.

ENDJSO, Dag Oistein. **Sexo e religião**: do baile de virgem ao sexo sagrado homossexual São Paulo: Geração Editoria, 2014.

FLEURI, **Diversidade religiosa e direitos humanos**: conhecer, respeitar e conviver / Reinaldo Matias Fleuri ... [et al.] (orgs). - Blumenau: Edifurb, 2013.)

GOUVEIA. Regina Bezerra. CABRAL. Newton, **Interposições religiosas cristãs frente à educação em sexualidade como Política de Ensino da rede municipal do Recife.** Paraíba. 2016. V. 1, 2016, ISSN 2177-4781 Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/resumo.php?idtrabalho=273 Acessado em: 20/09/2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

LOURO, L. Garcia. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade / 2. ed., 3. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEONARDI. Paula. **Campo de estudos de gênero e religião**: Avanços, tensões e desafios. In: ROSADO, Maria José (Org.). Gênero, feminismo e religião Sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

MARQUES, L.R. M. **Protagonismo escolar em diversidade, diferenças e direitos**. In: SCOTT, P. LEWIS, L. QUADROS, M. T. Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente. Recife, Ed. Universitária, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. **Sexualidades ameaçadoras**: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. ISSN 1984-6487 / n.2 - 2009 - pp.121-161 / Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/0 Acessado em: 20/08/2016.

NOVENA, N. P. **A sexualidade na organização escolar**: narrativas do silêncio. Recife: EDUPE, 2011.

PRADO, André Pires do. JÚNIOR, Alfredo Moreira da Silva. **História das religiões, história religiosa e ciência da religião em perspectiva**: trajetórias, métodos e distinções. Religare. Paraíba, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/SEMP/Downloads/22191-44106-1-PB.pdf

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de ensino**: educação de jovens e adultos/ organização: Élia de Fátima Lopes Maçaira, Jacira Maria L'Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza. – Recife: Secretaria de Educação, 2015. 236 p.: il. (Política de Ensino da Rede Municipal do

Recife, v. 5). http://www.recife.pe.gov.br/efaBRASILerpaulofreire/sites/default/files/JovenseAdultos. Acessado em: 22/08/2016.

SOUZA, N. F.; Cabral, N. D. A**. Pistas para a compreensão da homofobia no cristianismo**: uma discussão a partir de Daniel Borrillo. In: SILVA, Anaxswell Fernando; Lopes Júnior, Orivaldo Pimentel; Luiz, Ronaldo Robson. (Org.). **Mythos-logos: uma epístemologia dos estudos da religião**. Curitiba: CRV, 2011. p. 129-142.

SIMÕES, Júlio Assis. **Do movimento homossexual ao LGBT** / Júlio Assis, Simões, Regina Facchini. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009. – (Coleção História do Povo Brasileiro).

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade** / Peter N. Staerns; Tradução Renato Marques. – São Paulo: Contexto, 2010.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2º sem. 2003. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/596/623 Acessado em 24/08/2016